A HISTÓRIA DE UMA TRABALHADORA LAVADEIRA NA RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E O ESQUECIMENTO

Leda Maria Fonseca Bazzo[1]

Resumo: Essa comunicação busca retratar a história de vida de uma mulher, trabalhadora lavadeira manual e moradora do bairro do Alto das Pombas na cidade de Salvador. Trata-se de Olga de 64 anos de idade, natural do interior de Sergipe, teve quatro filhos. Ela chega em Salvador na década de 1970 com o companheiro em busca de trabalho e melhores condições de vida para a família. Procuramos na sua trajetória compreender suas memórias e a vida da atual mulher, trabalhadora lavadeira do Alto das Pombas, na relação com sua chegada ao bairro por narrativas cruzadas que juntam o saber tradicional, com aquilo que ela vai atualizando na relação também com o que se deixa para trás, ou o esquecimento. Percebemos muitos marcadores vigentes da trajetória passada dessa lavadeira com o seu atual cotidiano e compreendemos também que, a lavagem de roupas é um signo muito antigo "cravado" no seu corpo, e que deve ser interpretado a partir da tradição da lavagem com a descrição da história de vida dessas mulheres, trabalhadoras lavadeiras. Ou ainda, observamos ser necessária a difusão das narrativas dessas mulheres lavadeiras, para possíveis traduções desse difícil modo de vida.
Palavras-chave: trabalhadora lavadeira, memória, história, esquecimento, tradição.

Essa comunicação toca a reflexão a partir da vivência em campo com dez mulheres, trabalhadoras lavadeiras de manuais de uma lavanderia pública e Estadual da cidade do Salvador Bahia. Adotamos como foco principal verificar a narrativa a partir de entrevistas a uma trabalhadora lavadeira. O método é inspirado na etnografia na observação igualmente ao contexto da micro história, parafraseando em alguma medida o livro desenvolvido pelo historiador Carlo Ginzburg sob o título: O queijo e os vermes.

Nesse livro Ginzburg (1987) desvenda através de Minocchio, homem ocupante de uma posição social de moleiro na relação com outros camadas da população onde cruzam-se histórias, ideias e hipóteses de um personagem qualquer ou do "povo", que amplia o universo historiográfico. O trabalho Ginzburg ficou conhecido e consagrado como o representante de uma história vinda de baixo, e assim, modificou conceitos dos historiadores ao ampliar e pluralizar o contexto do objeto da história.

[1] Professora do curso de fonoaudiologia da UFBA.
lbazo@ufba.br

Essa circunstância de um novo método de pesquisa que busca "dar a voz" a um personagem oprimido abre possibilidades de realizar um estudo histórico da cultura popular da "classe de baixo" na qual a narrativa se interpenetra com a"classe de cima." Ainda com Ginzburg buscamos na sua obra os indícios de componentes emancipatórios da tradição dos oprimidos (Ginzburg, 1989) ao reconhecermos a importância de reconstruir a história de camadas subalternas, em que, no nosso estudo, são as trabalhadoras lavadeiras manuais, profissão originária no Brasil das antigas escravas de ganho ou escravas ganhadeiras à época colonial.

Aspiramos assim uma abertura à discussão sobre a história de mulheres oprimidas ao conceber a realidade como uma construção discursiva e reconhecer a memória como parte de um resgate irredutível da história que contempla bases políticas de classes sociais que se interprenetram a representarem um discurso híbrido ou polifônico.

Entendemos que a memória das classes subalternas ou o resgate de suas experiências auxilia na composição historiográfica e coloca limites à história tida como oficial, frente as experiências do passado. Ou ainda, às vezes "a memória diz mais que a história" (Sorgentine, 2003).

Assim, ao resgatar a narrativa de uma trabalhadora lavadeira inserimos no contexto deste estudo também, outros trabalhos que contribuíram para o conhecimento históricos dos papéis de mulheres de classes oprimidas, ex escravas e forras como o de Maria Odila Dias (1984) no livro: O quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX; e o de Luciano Figueiredo (1999) no livro: O avesso da Memória- cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XIX.

Buscamos, de algum modo, integrar a constituição desses trabalhos dando "voz" a essa personagem social existente num contexto em que aciona outras vozes de autoridade num discurso mesclado onde atravessam vozes de diferentes classes econômica e culturalmente distintas.

O cotidiano do nosso grupo de trabalhadoras lavadeiras revela um trabalho exaustivo do corpo em troca do dinheiro recebido, percebemos que elas estão na resistência entre o antigo modo de conceber a lavagem de roupas e a formulação de novo modo de vida, ou na relação entre a tradição e a interpretação nesse tempos sobrepostos.

Assim que abrimos esse estudo também ao conceito de histórias conectadas de Gruzinski (2014), ao verificarmos que a memória dessas mulheres, lavadeiras, perpassa

tanto uma micro história a perpetuar-se entre os séculos desde a colonização brasileira, como pode ser inserida também numa história mundial em que os registros sobre as mulheres tornar-se mais difíceis havendo indícios da profissão de lavadeiras manuais também em atualidade em outros locais do mundo.

Em consonância com o nosso estudo, entendemos que mundialmente a história tradicional colocou a mulher como personagem praticamente nulo, evidenciando grupos masculinos socialmente dominantes. Neste sentido, os estudos sobre as mulheres se inserem em investigações e arquivos que se encontram raras e fragmentadas na qual "o pesquisador deverá reunir dados diversos e esmiuçar o implícito" (Dias, 2001) ou ainda como observado por Albertina Costa (1996, p.67) ao tratar-se da história das mulheres criou-se uma celeuma em torno das fontes, consideradas muitas vezes um obstáculo intransponível, pois a condição do resgate das mulheres pela história seriam por pistas deixadas.

Ainda nesse mesmo argumento a historiadora Michelle Perrot relata:

> ... existe ausência quase total das mulheres no nível da narrativa histórica, que amplia-se por uma carência de pistas no domínio das 'fontes' com as quais se nutre preferencialmente o historiador, devido à deficiência dos registros primários. (...) sobre o século XIX, evidenciam que aqueles que dominavam a escritura da história - administradores, policiais, juízes ou padres – deixaram pouquíssimos registros que dissessem respeito às mulheres, vistas como categoria indistinta e destinada ao silêncio (PERROT, 1989, p.9-10)

A partir dessa introdução visamos, de algum modo, somar junto a esses trabalhos, ao resgatar a história de mulheres que, de algum modo, foram ou continuam sendo vítimas de uma história marcada pela opressão e pelo labor desmesurado do corpo na lavagem frente ao ganho recebido. Assim descreveremos abaixo diálogos fornecidos por fontes primárias da pesquisadora com uma trabalhadora lavadeira manual chamada Olga[2] com 64 anos à época. E, a partir do narrado colocamos também a possibilidade de uma convergência dessa profissão de lavadeira, conectada a uma memória da tradição brasileira e, portanto, de uma cultura "local" em associação com a cultura "global" mais especificamente a europeia e portuguesa envolta por choques

[2] Nesta comunicação todos os nomes foram modificados para preservar o anonimato das informates ou das instituições.

culturais, dominação colonial assim como "processos socioeconômicos e políticos de adaptações, mestiçagem e resistências" (Gruzinski, 2014).

Segue abaixo um recorte da história da trabalhora lavadeira Olga de 64 anos.

História de Olga

Olga tem 64 anos é uma das trabalhadoras lavadeiras de uma lavanderia pública e Estadual da cidade do Salvador Bahia. Ela se auto refere como sendo branca é casada com quatro filhos do mesmo e único marido. Chegou com 17 anos no bairro do Alto das Pombas e, como o local era praticamente formado por fazendas ou "só mato" como as antigas lavadeiras dizem, nessa época, não havia água encanada nas casas.

Assim Olga como todos os outros moradores antigos do bairro do Alto das Pombas, pegavam água no chafariz, nas bicas ou mesmo nas fontes.

> "...mas era muito longe mesmo... como daqui ao Chame Chame com lata de agua na cabeça! Eu, Maria, Ivana, Nair ... todas lavavam a ganho ía todo mundo ia junto..."

Olga teve quatro filhos dois homens e duas mulheres sendo que, uma delas também é lavadeira e trabalha no mesmo local: a lavanderia Nossa Senhora de Lourdes localizada do bairro do Alto das Pombas. Ela nasceu na cidade de Telha município de Propiá e dista por volta de 100 quilômetros de distância da capital Sergipana- Aracaju. Segundo o senso do IBGE a cidade de Telha é a segunda menos populosa e tem por volta de três mil habitantes. Chegou no bairro do Alto das Pombas para acompanhar o marido pois não havia trabalho para a família na cidade.

Chegada no bairro do Alto das Pombas

Olga chegou no bairro Alto das Pombas em 1970 nessa época ela relata que o bairro, era praticamente só mato! Apesar de que dados indicam que, o início da invasão desse local por casas ocorreu em 1940 (Costa, 2007). Ela relata que tinham pouca casa... ou que antigamente quase não tinha casa

> ... e também não tinha quase carros, que a população não tinha dinheiro, mas vinha muito caminhão pra cá porque as pessoas

> estavam construindo suas casas... lá onde eu moro mesmo foi tudo invadido... eu não invadi ali já comprei pronto (com a casa). Mas eu vi o sofrimento de muita gente como o de Maria (outra lavadeira). Vinha a polícia vinha tudo... com cachorro e acabava com tudo que eles tinham... aí tinham que construir tudo de novo...
> Com a maioria das pessoas foi assim... não era cidade como Salvador, era como interior.... Faziam casinhas uma perto da outra para o pessoal que não tinha onde morar...

O início do bairro do Alto das Pombas ocorre pela invasão aos arredores do cemitério do Campo Santo ou da fazenda São Gonçalo ocorrido na década de 1940 onde moradores de baixa renda de Salvador e outros vindo do interior decidem invadir a área e se apropriarem do terreno fazendo suas casas num bairro próximo ao centro da cidade de Salvador e com alta especulação imobiliária. Há muitos relatos de luta e resistência desses moradores até conseguirem a posse de seus terreno[3].

Trabalho

Em relação ao trabalho Olga relata ter começado a trabalhar desde cedo na roça com seus pais e irmãos. Segue abaixo seu depoimento:

> (...) sempre trabalhando desde os sete anos de idade acompanhando a mãe e o pai na roça, colhendo o arroz de manhã. "... meu pai ia abrindo as covas e eu e meus irmãos e minha mãe íamos plantando o arroz, o feijão e o milho".
> Meus pais trabalhavam na lavoura de arroz, roça, trabalhei assim Leda! Eu sofri viu?... já sofri na minha vida na idade de sete anos eu comecei a trabalhar... ai meu pai dizia assim: Olga, ao invés de você trabalhar pra os outros cê trabalha pra mim eu lhe pago a mesma coisa... ai eu trabalhava... aquele arroz que a gente come tem a casquinha não é? Pegava aquele arroz com a casquinha as plantas nasciam tudo... repare que trabalho: depois arrancava tudo quando estava assim bonitinha... nasce verde sem o cacho, ali você vai plantar na lama e na água, ai vai crescendo aqueles cachos bonitos aí, quando amadurece fica amarelinho cê vai cortar... depois que apareceu as máquinas que pegava o arroz descascava o arroz... antigamente batia assim

[3] Para melhor compreender essa complexa questão ver biblioteca do CEAS no arquivo histórico do bairro do Alto das Pombas.

> oh... o arroz saia... se não lembra de pilão não? batia, batia, batia, mas era muito trabalho... muito trabalho mesmo!...

Haverá o senso prático da família de Olga e dela na relação com as condições da família e o clima da região de característica semi-árido em todo interior Sergipano com temperaturas elevadas e pluviosidade reduzida, é assim que, desde criança desenvolverá um trabalho árduo na roça plantando grãos essenciais como (arroz, milho e feijão) principalmente para o sustento da família. Olga será mais uma ajudante do pai no auxílio para sobreviverem as pessoas da casa que, somado o clima marcado por períodos de secas prolongadas ocasiona um grande alarde e preocupação de todos integrantes da família, relativos ao suprimentos alimentares como basilares para a sobrevivência da prole. Por esses motivos que a preocupação toma de assalto sua infância que, nessa ocasião estaria praticamente perdida pelo empenho no trabalho de forma precoce para continuar existindo na condição precária dessa labuta cotidiana.

Contudo, os desafios são imensos e não findam por aí, pois quando Olga completou 11 anos, a sua mãe ficou muito doente por um problema de coluna que a impossibilitava de fazer várias atividades físicas, então foi delegado a ela, dentre todas as outras atividades já desenvolvidas, mais a lavagem de roupa da família. Assim que, Olga passa a assumir mais essa função. Segue sua narrativa:

> Aí minha filha quando minha mãe ficou doente que ela teve um problema de coluna sério! Aí eu com onze anos ... tive que assumir; que não era pra eu fazer... e ela disse: Nilza, você já tem onze anos já sabe o que é a vida... sabe que eu não posso trabalhar minha filha você vai ter que lavar... ai eu andava quilômetros para ir para o rio com a trocha de roupa da família... eu ia para o rio lavar... as vezes o rio secava que era plantação! Ele tinha dia certo de secar e de encher! E o pessoal fechava as águas né? tinha aquilo... que abria o rio as águas entravam e depois fechava de novo... pras plantas crescerem... pensava: meu Deus do céu vou lavar roupa nesse rio tão longe! o rio era longe de casa... perguntava às minhas colegas que dia elas iam lavar roupas e combinávamos e todas íamos juntas... ajuntava um monte de roupa, colcha, roupa de meu pai pesada, de minha mãe, minha... juntava aquele mundo de roupas... era como daqui à praça da Sé... de pé andando... com a trouxa na cabeça! ... vê como essa menina sofreu? E eu hoje com 64 anos ainda dou um duro danado... lavo mesmo! Boto pra lá...aí eu dizia... levava a comida que não ia passar o dia com fome... e não podia vir com a roupa molhada... tinha que ser um dia de sol, verão

> mesmo... porque no inverno tinha água mas verão não era essa coisa! A água para beber era num lugar que pegava, água pra gastar no outro... assim água pra beber uma água de gasto era outra...era longe menina, aquelas fontes, aquelas cisternas era bem longe... a gente vinha com os potes...

A relação de Olga com a lavagem é desde muito cedo um trabalho que ela desenvolvia no rio com as outras colegas e parece haver uma memória que interpreta essa tradição da infância reeditando as técnicas ancestrais dos seus antepassados. Contudo, hoje ela tem clientes fixos a ganho e realiza esse labor dentro da lavanderia. Se na infância ela percorria muitos quilômetros com a trocha de roupa da família na cabeça para lavar com suas colegas hoje, na lavanderia, essa agua é das torneiras bancada pelo estado juntamente com o espaço físico assim que a agua, a luz e o vigia noturno estão assegurados, e assim garantindo a perpetuação desse trabalho. O que auxilia o sustento da casa para muitas delas. Olga, ela assim com suas outras colegas lavadeiras recebem seus trocados reeditando os traços dessa antiga profissão da lavagem à ganho que era feita no rio, bicas e fontes.

Cenas ao abastecer a casa de água...

Além de lavar as roupas da família e de trabalhar na roça Olga era responsável também por abastecer a casa de água, contudo, como relatado por ela, o trajeto na busca da água era muito distante da sua casa e, a água de gasto pegava num local diferente da água para beber. Como se ainda não fosse desafio suficiente, o caminho de ida e volta agora com os potes de água na cabeça ela enfrentava outros obstáculos como os animais soltos ou apartados que vez ou outra impossibilitava que o árduo serviço tivesse completado seu ciclo final. Segue o relato de Olga:

> "...aí tinha um boiadeiro na frente: hei... o gado vai saindo... aqueles gados... eh... quem vier na frente vai saindo... quebrava os potes de águas, derramava as águas...quando chegava em casa sem nada... minha mãe me dava uma surra! Cadê a água? Ah minha mãe tinha um bocado de gado e os gados vieram em cima... tava com roupa vermelha eles não podiam ver a roupa vermelha... pulavam a cerca para pegar a gente... a gente quebrava tudo e se escondia no meio daqueles capins grandões os arames entravam e lascava tudo aqui nas costas e ficava lá quietinha... quando a boiada passava o boiadeiro vinha na frente avisando!!!...

> Vai apanhar porque quebrou o pote... mas minha mãe a gente na agonia... foi botar tinha uma pedra quebrou... o que posso fazer? Não: vai de novo! Chamava minhas colegas chorando... vamos de novo? Minha mãe me bateu porque quebrou o pote... a gente vai com você pegar mais água que minha mãe falou que não vai dar para passar o dia e gente vai... pegava três ou quatro viagens na sombra... até quando eu me casei!...

Percebemos aqui que Olga ao dar-se conta da rotina extenuante do trabalho na ajuda a seus pais planeja livrar-se dele, e fica evidenciada na sua narrativa que encontra um possível atalho no casamento: "a gente passava o dia... pegava três ou quatro viagem até quando eu me casei!". Contudo, como veremos logo adiante isso parece não resolver por completo a dureza da vida mesmo depois de casada.

O casamento

Se Olga tivesse achado que se casando amenizaria sua pesada rotina na esperança do marido auxilia-la a livrar-se do pesado labor que desenvolvia na casa dos pais, a falta de emprego na região trará trabalhos sazonais ao atual marido: os dois ainda adolescentes e sem qualificação formal recaem em condições precárias por ausência de trabalho na região. Olga se dedica, nessa época, ao artesanato e à costura. Deste modo, a menina de 14 anos e recém casada agora encontra um certo descanso e o marido de 16 na espera de trabalho se aventura com seus rolimãs descendo as ladeiras da rua. O casal mora com a avó paterna que o criou seu marido, é ela que controlará a situação numa circunstancia insustentável, que o levará mais tarde, a migrarem para Salvador em busca de melhores condições de vida. Segue em destaque o relato de Olga:

> Me casei e fui morar com a avó dele! ... o avô morreu e a casa era do tamanho dessa lavanderia... tinha cinco quartos! ... e minha casa era pequena onde a gente morava ... aí ela disse se quiser trazer sua mulher pra aqui... pode vir! acho que ela foi com a minha cara!... olha esse quarto aqui é seu!... meu pai pegou tudo e me deu cama, cristaleira, o quarto era imenso... ela disse: Você só faz movimentar na cozinha: a comida a gente separa! Oi Deus me perdoe... (começa a falar do marido numa fala imbricada...) ... ele tá ficando velho enjoado eu não aguento o orgulho dele mas ele era muito bom pra mim ele toda a vida me defendeu...

> A avó viu a mãe dele cheia de filho e disse: me dá esse pra eu criar e criou mesmo... batia e tudo... até casado ela batia. Por quê? Ele tirava onda de menino... fazia os carrinhos de mão e eu bordando, costurava... ele dizia: Nilza, não tem nada pra fazer ... não vou trabalhar hoje... pegava os carrinhos de mão colocava umas rodas e ia para as ladeiras... tinha umas ladeirinhas assim empinada... cabra safado: você tem que trabalhar... ele era novo mulher! eu casei com 14 anos ele com 16 anos... pegava serviço pra fora ... pegava dinheiro... olha Leda, trabalhei viu... em bordado, em arroz... era em feijão era em tudo Leda!

O casamento do casal ocorre na adolescência, onde nessa época testa-se limites e estão entre a vida de criança e a de adulto. Foi deste modo que ela bordando, costurando e fazendo os serviços de casa, vai treinando como esposa e ele se aventurando a novas experiências no carrinho de rolimã sonha ganhar outros espaços e o mundo, uma vez que o trabalho era escasso e eles não estudavam, era a avó quem colocava limites no neto e o lembrava sempre de que precisava trabalhar.

Infância

Apesar de muito trabalho desde pequena, Olga relata que nos finais de semana conseguia ter tempo livre para brincar na infância, lembrando-a como período idílico e saudosista, contudo, percebemos que até a própria brincadeira parecia um treino para assumir as funções de adulto pois, a brincadeira predileta *"o cozinhado"* relatado por ela como um modo de jogar em que, se cozinhava de verdade as carnes e legumes. Além disso, nessa mesma época da infância percebemos uma sexualidade já avançada, em que as crianças pareciam também que se preparavam para a vida de namoro e casamento. Segue abaixo sua narrativa:

> Na infância Leda eu brincava de *cozinhado* onde todas aquele bucado de crianças levavam alimentos e faziam numa panela de barro comidas... Fazia a brincadeira de cozinhado panela de cuzinhando aí você dava a carne, você dava galinha, o arroz, o feijão, mandava a farinha... era de verdade...panela de barro!... meu cunhado... esse que casou com a minha irmã trabalhava com isso e era carpinteiro também fez cama de casal pra minha neta... por isso que eu gosto dele... armário pras minha bonecas ele mandava tudo pra mim... meu pai queria ver o diabo mas não ele... mas ele gostava muito da gente... de mim e de meus

> irmãos... aí...brincava todo final de semana... sábado e domingo era pra brincar! Ai juntava todas aquelas meninas tudo... umas eu nem vejo mais ... que moram longe... outra no Rio de Janeiro outra nos EUA nem sei onde é!... mas ainda tem mais lá que brincava comigo... fazia aquele cozinhado minha filha! Era tanto da comida que ficava com a barriga desse tamanho ainda dava pra menino que nem participou da brincadeira que não deu nada! A comida sobrava e dava aos meninos... brincava muito de correr, de brincar, o pessoal dizia que andava com a roupa bem aqui... oh... (mostra as pernas) agora não! que tô com varizes senão andava também... pessoal dizia: olha como ela fica? Pegava aquela sainha de preguinha que ia pra escola toda assim alegre... passava o ferro ficava em cima da cama que nenhuma mosca podia tocar... quando eu vestia tinha as pernas grossinhas... eu saia e os homens ficavam tudo doido minha filha!... mas meu pai não deixava nada... só fazia olhar! ... e Zé foi o único que foi pra porta falou com ele: ele aceitou... que era da família e tal e a gente namorou e casou... e os outros minha filha era de bilhetinho e eu era doida pelos outros... quando eu casei com Zé nem sei se eu gostava do Zé direito!

A memória da infância de Olga parece se confundir com a de adulto e, aciona também a pulsão da libido dando início às lembranças do ciclo dos flertes e paqueras, contudo, o pai no intuito de brecar os desejos da filha, e responde a castigando em sequência e num espaço de tempo não muito distante, parece ocorrer o seu casamente que se concretizou quando ela tinha apenas 14 anos de idade.

> Ah... namorava antes de bilhete dizia que queria namorar... retornava mandava outro pra mim... ai tinha ... na cidade onde a gente morava tinha um alto falante que final de semana bota muita das músicas bonitas as músicas apaixonada, né? Aí dizia assim oh... É para alguém que fulano oferece só dizia o nome da letra... a letra N... as músicas de Roberto Carlos! Ah... sou louca pelas músicas de Roberto Carlos... aí eu sabia que era pra mim... e eu não vejo você se engraçando com fulano de tal é? Eu vejo seus olhares para ele... minha filha os pais não eram brincadeira não! Nunca vi mas eu vou pegar vou mandar seus irmão, se ver você vai ser trazida pra casa torcida pelas orelhas... pra dá porrada! Era fogo mas eu adorava pai! Eu gostava dele demais! E apanhava .... uma confusão tomei uma surra que quase eu morro como eu falei pra você, não deixou eu botar a cabeça na janela nesse dia... fiquei deitada toda lapiada de sal... botou sal assim... e namorava com esse homem... e namorei mesmo... foi

> com esse que me ensinou a vida! ... não tive nada com ele Leda juro por Deus... era besta o namoro de beijo e abraço menina, sei que, sei que, namoro escondido do seu pai mesmo acerte com as meninas e diz que você vai em tal lugar... me ensinou! E eu nem sabia... e pronto e ele ficava com medo né que ele era experiente... vivido! e as vezes queria até botar um filho em mim e largar aí se mandar no mundo... ele já morreu! Se eu tivesse casado com ele hoje eu era viúva... gostava dele... era experiente me ensinou as coisas... eu não tinha maldade e ele botou as maldades... aí a pessoa passa a gostar... aí comecei a enrolar meu pai... olha Leda ... dizia olha meu pai vou costurar na casa de fulano de tal... eu tenho que entregar essa costura tal dia... aí eu ia namorar escondido e ainda tinha vigia que pra se ele vim... não! seu Manuel ela tá aqui oh... aqui comigo... aí ele se escondia ficava lá aí ele saía ia lá mas não fazia nada... tudo era com respeito... mesmo... só era beijinho, beijinho... tinha nada dessas coisas hoje que tá perdição não é Leda? ... e teve outros teve uns quatro... foi bom também... tem um que mora em São Paulo diz que até hoje pergunta por mim... e depois que eu me casei achei um bocado que era apaixonado... mandava recado morava perto de mim...

Faz pensar que, por todo o investimento de homens que se aproximavam de Olga e ela já na fase de pulsão e desejos pronta para namorar e explorar as experiências do seu corpo com o outro, essa questão parece ter levado o seu pai a tomar uma atitude frente aos candidatos para o namoro. Foi então escolhido pela família o "Zé" que era praticamente da mesma idade que ela, e puderam assim viverem juntos coisas semelhantes da adolescência e passando com cumplicidade dessa para a vida adulta, circunstancia que foi deixado para trás todos os outros pretendentes como memórias dos seus namoros e paixões que tivera.

Família e Trabalho

A família é muito importante para Olga: local de apoio e também sustento da construção psíquica, contudo, é a quarta filha quem mais ela se apega como auxílio das suas questões, já o trabalho se mescla na relação entre amizades de clientes antigos e que ainda conserva a lavagem das roupas feita artesanalmente. Contudo, as lavadeiras vem sofrendo com a falta de clientes e recentemente a caixa de lixo do bairro foi

colocada na porta da lavanderia, situação que trás desconforto de toda sorte no trabalho como o odor e insetos vindos do lixo. Essa circunstância tem levado as trabalhadoras lavadeiras procurar órgãos públicos e a mídia televisiva para resolver a situação, mas até agora não foram atendidas. Segue trechos da sua fala na entrevista:

> (...) tudo é ela! só anda junto comigo... Essa filha aqui (se refere a filha lavadeira) ela é meio destrambelhada... ela não me respeita Leda! Deus baixou o santo nela mais um pouquinho... A gente divide todas as roupas dos clientes ela só me dá as grandes e ela lava as menores... sei lá! porque ela acha que tenho de lavar as grandes! Mas eu acho melhor também... adianto mais... eu tenho roupa da rua... agora com esse lixo aí (desde dezembro de 2015 colocaram o contenner de lixo na porta da lavanderia) tenho menos... duas clientes tiraram a roupa de mim... lavo pra Tânia (a filha) e pro meu filho mais novo... Uma cliente que saiu morava em Lauro de Freitas e a outra a Roberta que morava na Piedade que não sei se foi por causa do lixo eu acho que foi... que ela falou assim... "Olga eu vou embora... que minha filha estava estudando aqui mas agora ela já terminou os estudos... mas eu vou voltar se não tiver mais esse lixo eu volto para você lavar pra mim... e se tiver eu não volto! Então eu achei que por causa do lixo... mas eu vou saber... porque vou perguntar ao colega que eu lavo a trinta e poucos anos sem fofocas, só vou perguntar: menino essa menina foi embora mesmo... oh... senti tanto que lavei tanto tempo pra ela... mas ele disse: não que ela não foi embora não! E tenho uma que disse assim: "Olha Olga você só vai largar a minha roupa quando eu morrer e você morrer" e a que me paga melhor é ela e não posso deixar por nada minha filha... ela me paga!! Não deixa não a Laura essa que eu vou perguntar porque a outra foi embora...
> Ela pinta um monte quando chega ai! Ela... pinta fala...fala, fala a Laura... eu falo: não fui eu que fiz isso não... não fui eu que botei o lixo aqui e a gente já andou, minha cara fui pra televisão, falei com todo mundo aí...peço apoio de todo mundo aí... tem reunião no posto eu vou... tem reunião na igreja eu vou... a gente fala bora... faz merenda e tudo aqui...
> Bia (a gestora) mesmo quando esteve aqui eu disse mais ela... ela disse Olga minha filha que eu esqueci de dar o recado ... sobre o recibo de água e ela aproveitou e foi entregar um documento na LIPURB na mão do chefão aí eu falei com todo mundo e nada... não tem mais jeito Leda eu acho que esse lixo não vai sair daqui mais nunca!... eu acho... que não sai nunca...
> A Laura chamou o marido de Solange (outra lavadeira) e falou:

> Ei moço chama a polícia...Ela pinta! Diz que quer que deixar eu lavar bem cheirosinha que eu lavo bem lavada, cheirosa, se for Leda uma manchinha assim oh... um pontinho... manda voltar! Que nunca voltou... ela diz: "eu mando voltar!". Ela é professora de escola particular.

A lavanderia funciona como um cenário feminino e espaço também das mulheres se juntarem entre lavadeiras e clientes e fazer suas cenas a partir da troca de ideias e exigências nos parâmetros do que consideram uma boa lavagem, ocorre também a amizade e os laços da tradição entre as famílias que se cruzam, principalmente entre as lavadeiras antigas com as suas clientes de muitas décadas, é assim que o ambiente torna-se também um local múltiplo de narrativas. Contudo, preza-se pela qualidade do labor e, o lixo colocado pela prefeitura na porta da lavanderia vem trazendo muitas insatisfações para os clientes, e consequente para as trabalhadoras lavadeiras que vem dia-a-dia ouvindo reclamações e exigindo a saída do lixo de lá com as ameaças de tirarem as roupas na concretização de alguns clientes ao ver que a situação continua sem solução.

Considerações Finais

Como citamos anteriormente buscamos somar narrativas de mulheres num contraponto aos silêncios historicamente deixados, colocando como personagem principal deste estudo, Olga de 64 anos, com 4 filhos, mulher que viveu por quase duas décadas na roça desenvolvendo trabalhos diversos, e lavando roupa no rio além de buscar agua para o sustento da casa. Esse mesmo modo de vida perdurará no Alto das Pombas quando da sua chegada à Salvador na década de 1970, já com dois filhos em que o bairro que "era só mato". Assim, ela continuará sua sina de buscar água nas fontes e bicas agora com as amigas lavadeiras e seus filhos, além de lavar roupa a ganho, principal atividade desenvolvida por essas mulheres do bairro naquela época.

Observamos a importância de ouvir essa trabalhadora lavadeira e compreender lugares de opressão da mulher pobre, negra ou afrodescente apesar de nem sempre encontrarem suas raízes ancestrais nesses parâmetros, mostra vestígios de seu esquecimento ou da sua profunda dor operando como um marcador ainda vigente e sobrepondo-se a uma historia do passado que se repete no presente. Ou ocorre entre a tradição e a interpretação poucas margens de mudanças sociais nesses grupos.

Deste modo, percebemos que o esquecimento vigora como um marcador de uma história não só esquecida pela sociedade mas pela própria trabalhadora lavadeira que recupera trechos de sua história, mas não suas raízes enquanto origem como marcas históricas difusas. Essa trabalhadora nos revela uma vida pautada pelo árduo trabalho desde a infância como um castigo da "chibata" ainda sobe a mira do corpo a desenvolver um código social que se repete e onde se perpetuam os trabalhos subalternos.

Trata-se de um ensaio aberto ainda em construção onde deverá ser aprofunda a memória dessa trabalhadora mas também a sua relação com o esquecimento.

REFERÊNCIAS

COSTA, Albertina de Oliveira. Protagonistas ou coadjuvantes: Carlota e os estudos feministas. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.96, p.66-70, fev. 1996.

COSTA, Paulo segundo da. Campo Santo: resumo histórico. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2007.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FIGUEIREDO, Luciano. O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro, José Olyrnpio. Brasília. Edump. 1993.

GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Ed. Schwarcz,1987.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História. Trad. Frederico Carotti. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.

GRUZINSKI, Serge. As quatro partes do mundo, : história de uma mundialização. Mourão, Cleonice Paes Barreto; Santiago, Consuelo Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Edusp, 2014.